

Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

Criativa e maravilhosa para quem? Como as cidades estão transformando a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global

Simone Amorim¹

Resumo

Movimentos de redesenho das cidades na contemporaneidade têm seguido uma tendência de monumentalização urbana desencadeada a partir de aspectos culturais e que nem sempre observa o patrimônio histórico e cultural dos territórios e dos grupos sociais em sua estratégia. O efeito disso é percebido na ruptura da temporalidade dos bens de cultura da cidade e na consequente adoção de um novo parâmetro em que os tomadores de decisão aderem como o modelo capaz de inserir a cidade no circuito mundial da cidade global. Aquela capaz de atrair investidores, gerar desenvolvimento e por conseguinte melhorar as condições de vida de suas populações. Diante desses parâmetros os planos de reestruturação urbana têm dedicado um espaço ampliado à cultura, mas por outro lado, e por paradoxal que se apresente, têm impactado decisivamente o conjunto de práticas culturais tradicionais de determinados espaços. A metáfora do progresso abrindo caminho para o novo e legando ao tradicional um espaço estático na construção do simbólico na cidade nunca esteve tão presente. Este artigo analisa estes e alguns outros aspectos presentes no maior processo de reestruturação urbana que a cidade do Rio de Janeiro já experimentou, iniciado a partir de 2009 e ainda em curso. O Projeto Porto Maravilha legou importantes conquistas para a cidade, inclusive no plano das artes e da cultura e igualmente operou marcantes omissões à memória de um espaço icônico, que como maior porto mundial de comercialização de escravos da história teve a memória dos negros subalternizada no projeto de monumentalização em curso.

Palavras-chave: Política Cultural, Cidade Criativa, Patrimônio, Rio de Janeiro.

Abstract

Redesigning cities movements in contemporary times have followed a trend of urban monumentalization triggered from cultural aspects that does not always observe the historical and cultural patrimony of territories and social groups in their strategy. The effect of that is perceived in the rupture of the temporality of cultural goods in the city and the consequent adoption of a new parameter in which decision makers adhere as the model able to insert the city in the global cities circuit. The one capable of attracting investors, generating development and therefore improving the living conditions of their populations. With these parameters, urban restructuring plans have dedicated an expanded space to culture, but on the other hand, and paradoxically, they have had a decisive negative impact on the set of traditional cultural practices of certain spaces. The metaphor of progress paving the way for the new and bequeathing to the traditional a static space in the construction of the symbolic in the city has never been so present. This article analyses these and some other aspects present in the largest urban redesigning process that the city of Rio de Janeiro has experienced, starting from 2009 and still in progress. The Porto Maravilha Project made important achievements for the city, including the arts and culture, and also made important omissions to the memory of an iconic space, which as the world's largest port of slave trade in history had the memory of blacks subalternized in the project of city monumentalization on going in the last decade.

Keywords: Cultural Policy, Creative City, Cultural Heritage, Rio de Janeiro.

1

Gestora Cultural, Doutora em Políticas Públicas, Investigadora de Pós-doutorado na Linha de Pesquisa "Cidades e Territórios" do Centro de Estudos sobre Mudança Socioeconômica e Territorial DINÂMIA/CET-IUL. xsimoneamorimx@gmail.com



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

Mundialmente conhecida, a cidade do Rio de Janeiro é um importante destino internacional. Com uma população de cerca de seis milhões e meio de habitantes, é o maior destino turístico internacional no Brasil, na América Latina e em todo o hemisfério Sul², a capital fluminense é a cidade brasileira mais conhecida no exterior, funcionando como uma vitrine do Brasil. É a segunda maior metrópole do país. Parte da cidade foi designada Patrimônio Cultural da Humanidade, sob a epígrafe “Rio de Janeiro: Paisagem Carioca entre a Montanha e o Mar”, classificada pela UNESCO em 2016 e a primeira cidade do mundo a receber o título na categoria Paisagem Cultural, um reconhecimento das obras combinadas do homem e da natureza e que ilustram a evolução da sociedade humana ao longo do tempo, em relação ao ambiente natural e às sucessivas forças sociais, econômicas e culturais (PIO, 2017). É um dos principais centros do país, sendo reconhecida por diversos ícones culturais e paisagísticos, como o Pão de Açúcar, o morro do Corcovado, o Cristo Redentor, as praias de Copacabana e Ipanema, o Maracanã, a Lapa, o Theatro Municipal, além das festas como o réveillon de Copacabana, o carnaval de rua, o samba e a Bossa Nova.

Em 2009, tem início o mais ambicioso projeto de revitalização urbana pelo qual a cidade já passou. O Projeto Porto Maravilha (PPM), transformou a região portuária, através de um conjunto de iniciativas no sentido de recuperar e revitalizar a região, especialmente no âmbito do lazer e do turismo, interferindo diretamente nas formas de uso urbano (PEREIRA, 2014, p.11). É desenvolvido com base em três pilares: revitalização urbana, desenvolvimento imobiliário e econômico social. Este último pilar é implementado através dos programas Porto Maravilha Cultura e Porto Maravilha Cidadão. O primeiro trata de restauro de bens preservados e incentivo às atividades culturais da região, o segundo, ações para a produção de habitação de interesse social, capacitação profissional, inserção no mercado de trabalho etc.

Este artigo busca analisar aspectos da instrumentalização dos bens de cultura, em específico as expressões das artes do patrimônio histórico-cultural, para fins que não lhes são intrínsecos, simultaneamente à operação

2

Dados da consultoria
Euromonitor International, referentes
a 2017. Acessado em 2/08/2018.
Disponível em: <https://blog.euromonitor.com/2017/01/top-100-city-destination-ranking-2017.html>



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

de apagamentos no que lhe é peculiar na implementação do PPM. Questionamos a ideologia consolidada no que se convencionou cidade criativa, bem como o circuito mercantilista que faz com que as cidades cerquem-se de uma série de atributos, que lhes conferem competitividade, como condição necessária à chancela de cidades globais, aquelas capazes de atrair investidores, gerar desenvolvimento e por conseguinte melhorar as condições de vida de suas populações. Nada nesse circuito escapa à artificialidade de sua cadeia de causalidades. Nessa linha, compartilhamos a diatribe quanto ao processo de monumentalização da cidade, quase sempre acoplado ao apagamento da temporalidade de seu patrimônio histórico-cultural. Uma prática que fabrica monumentos que já nascem com a 'função' de ressignificar a cidade; o que tentamos descrever como a instrumentalização da cultura na reestruturação urbana contemporânea, ao atribuir-lhe uma incumbência exógena ao campo cultural.

Premissas culturais do Projeto Porto Maravilha

O Projeto Porto Maravilha é um plano arrojado de cerca de 5 bilhões de dólares destinados a revitalizar o distrito portuário industrial da cidade, criando um destino atrativo para a orla e desencadeando o desenvolvimento da região. O componente mais importante desse esforço foi a substituição de uma via expressa elevada ao longo da beira-mar por um túnel subterrâneo para melhorar a conexão entre pedestres e a orla marítima.

Outros elementos além da demolição do elevador da Perimetral incluíram: a construção do túnel Rio450 (4,8 quilômetros de túneis); a implantação de 17km de ciclovias e de bicicletários para alugar (BikeRio) e estacionar as bicicletas; o plantio de 15 000 árvores na região, além das compensações das retiradas no processo das obras, de acordo com as especificações da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAC); a implantação de 28km de trilhos do VLT do Rio de Janeiro (Veículo leve sobre



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

trilhos); a reurbanização de 70km de vias e 650 000 metros quadrados de calçadas; a reconstrução de 700km de redes de infraestrutura urbana (água, esgoto, drenagem); o Museu do Amanhã; o Museu de Arte do Rio (MAR); a urbanização da Frente Marítima; a implantação da TELECOM (Comunicação de Alta Velocidade por Fibra Ótica); o Cais do Valongo e da Imperatriz; os Jardins Suspensos do Valongo; a via Binário do Porto; a nova sede do Banco Central do Brasil; o Teleférico da Providência; o AquaRio (aquário municipal do Rio de Janeiro); a construção de memorial nas ruínas do Cais do Valongo. Entre outras iniciativas.

A operação Urbana para o Desenvolvimento da Região Portuária do Rio de Janeiro foi sancionada pelo então prefeito Eduardo Paes, em novembro de 2009. No plano normativo, foi possibilitada por um conjunto de quatro leis que oficializaram a sua realização (MARQUES, 2017):

Lei Complementar nº 101, de 23 de Novembro de 2009: Institui a Operação Urbana

Consociada do Porto do Rio (OUC); Cria a Área Especial de Interesse Urbano (AEIU) da região do porto, que corresponde a cinco milhões de metros quadrados; Possibilita a Outorga Onerosa do Direito de Construir (OODC) e a alteração de uso do solo; Regulamenta a utilização do Certificado de Potencial Adicional de Construção (CEPAC) que compreendem valores mobiliários emitidos pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro por intermédio da Comissão de Valores Imobiliários (CVM), que possibilita uma construção acima do que já se tem estabelecido pela legislação; bem como, expandiu os limites e parâmetros construtivos para a região, possibilitando a instalação de prédios de até cinquenta andares em alguns setores e deu outras atribuições.

Lei Complementar nº 102, de 23 de novembro de 2009: Criou a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP) a quem cabe gerir a OUC do Porto, pelo prazo de trinta anos. Pela lei a CDURP goza de todos os direitos de prerrogativas do poder público no que tange a gestão dos serviços essenciais tais como: paisagismo,



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

limpeza urbana, coleta de resíduos e sólidos, drenagem de águas pluviais, iluminação pública, conservação de logradouros e de equipamentos urbanos e comunitários, dentre outros. Para além destas funções a CDURP, também, é a responsável pela gestão de seus recursos patrimoniais que, a partir da criação do Fundo de Investimento Imobiliário da Região do Porto, passaram a ser geridos conjuntamente com a Caixa Econômica Federal.

Lei Complementar nº 5.128 de 16 de dezembro de 2009:

Concedeu isenções e benefícios fiscais para diferentes ações desenvolvidas na OUC do Porto dos quais destacamos: IPTU (Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana), Imposto sobre a Transmissão de Bens Imóveis (ITBI), Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS).

Lei Complementar 105 de 22 de dezembro de 2009: Institui o Programa Municipal

de Parcerias Público-Privadas (Propar-Rio), destinado a disciplinar e promover a realização de Parcerias Público-Privadas (PPP) no âmbito da Administração Pública do Município. Este programa possibilitou à CDURP realizar a concessão dos serviços obras de revitalização da região portuária, pelo prazo de quinze anos, à Concessionária Porto Novo, que é formada pelas empresas Norberto Odebrecht, Construtora OAS e Carioca Engenharia. O valor dessa PPP é o maior de todos os tempos, correspondendo a 7,6 bilhões de reais.

Criada pela Prefeitura para coordenar a operação, a CDURP implantou o Programa Porto Maravilha Cultural. Conforme dados divulgados na página eletrônica do Projeto na internet: os recursos são aplicados na restauração de bens tombados, em ações do poder público e no apoio a iniciativas de valorização do patrimônio da região. Para implementar as ações, trabalha em parceria com instituições públicas, sociedade civil e empresas e tem como principais linhas de ação³ :

- Preservação e valorização da memória e das manifestações culturais;
- Valorização do patrimônio cultural imaterial;

3

Disponível em: http://portomaravilha.com.br/porto_cultural, acessado em 8/8/2018.



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

- Produção e difusão de conhecimento sobre a memória da região;
- Recuperação e restauro material do patrimônio artístico e arquitetônico;
- Exploração econômica dos patrimônios material e imaterial, respeitados os princípios de integridade, sustentabilidade, inclusão e desenvolvimento social; e
- Realização de diagnóstico sobre o patrimônio histórico, cultural e arqueológico.

Na prática, o braço cultural do PPM desenvolveu até o momento o seguinte conjunto de ações com o intuito de entregar os macro-objetivos contidos nas 5 linhas de ação elencadas pela CDURP:

Prêmio Porto Maravilha Cultural, cuja primeira edição aconteceu entre 2013-2014 e contemplou 34 projetos culturais com atividades na Região Portuária. Ao todo foram R\$ 3,8 milhões distribuídos a pessoas Física e Jurídica, no fomento a cursos, shows, oficinas, festas, publicações e documentários, todos realizados na região.

Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana, que além da sinalização, prevê ações para ampliar o conhecimento da história da Diáspora Africana (visitas guiadas, publicações e atividades de divulgação) num conjunto de 6 monumentos de celebração do patrimônio e da memória de várias dimensões da vida dos africanos na Região Portuária: o Cais do Valongo e da Imperatriz, representa a chegada ao Brasil; o Cemitério dos Pretos Novos, que mostra o tratamento indigno dado aos restos mortais dos povos trazidos do continente africano, o Largo do Depósito, que era área de venda de escravos; o Jardim do Valongo, que simboliza a história oficial que buscou apagar traços do tráfico negreiro; a Pedra do Sal, ponto de resistência, celebração e encontro e; por fim, a antiga escola da Freguesia de Santa Rita, hoje Centro Cultural José Bonifácio, um centro de referência da cultura negra.



Construção e restauro de 5 equipamentos culturais, os 5 projetos prioritários do Porto Maravilha Cultural⁴ : a construção do Museu de Arte do Rio (MAR), descrito como uma das âncoras do Projeto, um conjunto arquitetônico de 2 prédios, em que um foi construído do zero e outro restaurado (Palacete Dom João VI, de 1916) e do Museu do amanhã, megaprojeto do arquiteto catalão Santiago Calatrava, o novo ícone da região; o restauro do Centro Cultural José Bonifácio, um edifício inaugurado por D. Pedro II, em 1877, como a primeira escola pública da América Latina, dos Galpões da Gamboa, marco da riqueza do Ciclo do Café, após quatro décadas desativado, o espaço de 18 mil m² foi restaurado com o objetivo de oferecer estrutura para manifestações e eventos culturais na região Portuária, e, por fim, da Igreja de São Francisco da Prainha, construída em 1696 e doada para a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência em 1704, a igreja é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como monumento artístico da cidade.

Outras atividades de difusão da cultura e do patrimônio histórico da região, como a implementação de um Calendário Cultural Local e de Visitas Guiadas ao Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana, em especial ao Cais do Valongo, um sítio arqueológico dos vestígios do antigo cais de pedra construído pela Intendência Geral de Polícia da Corte do Rio de Janeiro para o desembarque no Rio de Janeiro de africanos escravizados a partir de 1811. Em julho de 2017 foi reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

De acordo com os dados públicos divulgados na página do Projeto, até o ano de 2016 os recursos destinados ao Programa Porto Maravilha Cultural (cerca de 123 milhões de reais), isto é, os 3% que a Lei Complementar 101/2009 estabeleceu que deveriam ser aplicados em ações de valorização do Patrimônio Material e Imaterial, foram investidos nas seguintes proporções: 73% na construção e gestão dos dois novos equipamentos icônicos da região, 15% no restauro dos equipamentos históricos, 5% em ações de fomento às expressões de cultura local (Prêmio + Edital de ações locais), 4% ao Circuito da Herança Africana, menos de

4

Destaca-se que os recursos mencionados ao final desta seção não compõem a integralidade dos orçamentos desses projetos, advindos de outras fontes, como a própria PMRJ, empresas privadas etc.



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

1% em ações de difusão cultural (outras atividades) e 2% em atividades de gestão do Programa. A desproporcionalidade desse investimento será tratada adiante.

Cidade criativa global

O conceito de cidade global aponta para as imbricações dos espaços (local e global) no contexto globalizado em que as sociedades convivem na atualidade, entendendo que essa conjuntura está fortemente conectada e com implicações diretas nas duas direções. Remonta às representações teóricas desenvolvidas pela socióloga holandesa Saskia Sassen, na década de 1990. Para a criadora do termo “cidade global”:

Os sociólogos têm demonstrado uma tendência a estudar as cidades abordando a ecologia das formas urbanas, a distribuição da população e os centros institucionais ou focalizando as pessoas e os grupos sociais, os estilos de vida e os problemas urbanos. Essas abordagens já não satisfazem mais. A globalização da economia, acompanhada pelo surgimento de uma cultura global, alterou profundamente a realidade social, econômica e política dos Estados-Nação, das regiões transnacionais e (...) das cidades. Utilizando-me do estudo da cidade como um local determinado onde estão ocorrendo processos globais, procuro definir novos conceitos, úteis para o entendimento da interseção do global e do local no mundo de hoje e no de amanhã (SASSEN, 1998, p.11).

A autora localiza o surgimento de cidades globais no contexto em que uma nova gama de instâncias (de reprodução do capital) de escalas estratégicas se aglomeram nas unidades espaciais locais. No caso das cidades globais, alerta que, a dinâmica e os processos territorializados são globais (SASSEN, 2005, p.27), visto que passam a desencadear reflexos transnacionais.



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

Suas hipóteses sobre o modelo de cidade global se assentam no seguinte prognóstico sobre o qual organiza os pressupostos da abordagem: para fazer frente à dispersão geográfica das atividades econômicas, as empresas transnacionais sediam funções de liderança estratégica em escritórios centrais, terceirizando as atividades muito especializadas (contábeis, jurídicas, relações públicas, telecomunicações etc.), que se aglomeram em condomínios de serviços altamente qualificados, demandando a aglomeração de especialistas muito capacitados em um mesmo local, ao mesmo tempo em que as relações (regulamentações, mercados, e o próprio fluxo de capitais) são cada vez mais transnacionais. Essa dinâmica teria provocado uma inflação nas remunerações dessas funções especializadas, na mesma proporção em que legou à informalidade uma série de atividades desempenhadas pela mão-de-obra habilitada a operar nessa nova dinâmica (SASSEN, 2005).

É no contexto dessas relações que as cidades vão se transformando e o planejamento urbano dá lugar ao planejamento estratégico, isto é, a empresa capitalista se sobrepõe à organização do espaço nas cidades. A cidade do pós-guerra, para a qual a funcionalidade do espaço urbano deveria resolver o problema das desigualdades existentes em seu território, dá lugar à cidade global do fim do século XX, cujo principal objetivo é não ser excluída do circuito dos fluxos de capitais mobilizados em seu território, ou mais ainda, atrair cada vez mais empresas para esse espaço. De modo que, o perfil das políticas em torno do redesenho das cidades vai ganhando um contorno, que em sua essência se volta prioritariamente à reprodução econômica, ainda que, no plano normativo, com o objetivo de promover a melhoria da qualidade de vida de suas populações.

Essa virada ideológica, que obviamente não aconteceu repentinamente, certamente provocou uma série de críticas; dentre as mais contundentes, aquelas relativas à comoditização do espaço:

A produção do espaço, em si, não é nova. Os grupos dominantes sempre produziram este ou aquele espaço particular, o das cidades antigas, o dos campos



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

faí incluídas as paisagens que em seguida parecem “naturais”). O novo é a produção global e total do espaço social. Essa extensão enorme da atividade produtiva realiza-se em função dos interesses dos que a inventam, dos que a gerem, dos que dela se beneficiam (largamente). O capitalismo parece esgotar-se. Ele encontrou um novo alento na conquista do espaço, em termos triviais, na especulação imobiliária, nas grandes obras (dentro e fora das cidades), na compra e na venda do espaço. E isso à escala mundial. Esse é o caminho (imprevisto) da socialização das forças produtivas, da própria produção do espaço. É preciso acrescentar que o capitalismo, visando à sua própria sobrevivência, tomou a iniciativa nesse domínio? A estratégia vai muito mais longe que a simples venda, pedaço por pedaço, do espaço. Ela não só faz o espaço entrar na produção da mais-valia, ela visa uma reorganização completa da produção subordinada aos centros de informação e de decisão (LEFEBVRE, 1999, p.140).

E da própria vida social no espaço das cidades:

A qualidade de vida urbana tornou-se uma mercadoria para os que têm dinheiro, como aconteceu com a própria cidade em um mundo no qual o consumismo, o turismo, as atividades culturais e baseadas no conhecimento, assim como o eterno recurso à economia do espetáculo, tornaram-se aspectos fundamentais da economia política urbana (HARVEY, 2014, p.46).

É nesse contexto das cidades urbanas, agora altamente competitivas e em franco redesenho de seus territórios, que tem lugar uma outra dimensão da cidade global contemporânea: a ideia de que nela, os aspectos criativos e culturais têm um papel fundamental na atração e retenção dos indivíduos em seus territórios e por conseguinte, das empresas transnacionais e dos fluxos de capitais. O que seria uma forma de humanizar os processos em



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

curso, pela valorização desses atributos, desencadeou uma estratégia (nada trivial) de instrumentalização da cultura no quadro de redesenho das cidades.

No Brasil, as atividades criativas representam atualmente 2,64% do PIB, geram um milhão de empregos formais, reúnem 200 mil empresas e instituições e cresceram entre 2012 e 2016 a uma taxa média anual de 9,1%, apesar da recessão. Representam 3,7% do PIB do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2016), o segundo maior percentual do país e acima do percentual nacional. Esses números são eloquentes do potencial que essa fatia da economia tem sobre as atividades em território local. O conceito de cidade criativa, posiciona-a como uma alternativa à cidade industrial:

Um elemento essencial do que se tornou a trajetória de cidade criativa, a partir do início dos anos 1980, foi o esforço da comunidade artística para justificar seu valor econômico. Isso eclodiu nos Estados Unidos e em seguida no Reino Unido e na Austrália, tendo se espalhado pela Europa e além, nos anos 1990. A gama de estudos de impacto econômico teve grande influência. Nesses documentos ressaltava-se a importância da criatividade dos artistas para a cidade e a economia. Em paralelo, desde o início dos anos 1970, a UNESCO e o Conselho da Europa começaram a pesquisar as indústrias culturais em geral (LANDRY, 2011, p.7).

Na sequência, tal como destacou o autor, a noção de cidade criativa evoluiu para além de seu foco em atividades artísticas ou em economia criativa. Foram trazidos à baila temas como a dinâmica organizacional para fomentar a criatividade, o que é um ambiente criativo e como estimulá-lo, ou ainda o papel da história e da tradição na criatividade. Análoga a essas ideias vem a premissa (desenvolvida pelo urbanista norte-americano Richard Florida em sua obra "A Ascensão da Classe Criativa", de 2002) de que uma nova classe de trabalhadores do conhecimento, estaria liderando



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

a criação de riqueza nas cidades, e afirma que, para serem bem-sucedidas, as cidades precisam atrair esse grupo. Florida enfatiza o ambiente desses lugares, onde artes, design, cultura e acesso a bons espaços públicos têm um papel fundamental. Lembra aos tomadores de decisão, que as cidades precisam criar um clima para as pessoas, assim como um clima para as empresas. Cidades de todo o mundo disputam a atratividade desse talento móvel (idem). Esses conceitos têm pautado todo um conjunto de estratégias urbanas desde então.

Nessa linha, tomando por base a observação das práticas no âmbito do Projeto Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, a ideia de construir espaços criativos a partir de um conjunto de estratégias de redesenho de cidades tem sido instrumentalizada como uma justificativa para que o uso do espaço urbano seja submetido a uma lógica artificial de atração de capitais para esses espaços. Secundarizando a questão da qualidade de vida das pessoas à criação de espaços competitivos para a instalação de empresas capitalistas. Nossa diatribe vai ao encontro da ideia de que a atração de profissionais altamente especializados, trabalhadores do conhecimento, a quem se confia a capacidade de gerar riqueza na cidade contemporânea, deve ser o efeito de políticas mais aprofundadas e diversificadas que exclusivamente o investimento em processos de reurbanização na cidade (GUERRA, 2018).

Esse constructo teórico tem sido usado mais como uma justificativa para o propósito acima mencionado que como uma constatação empírica de uma conjuntura de fatores que estão transformando as cidades na atualidade. E ainda, o papel da história e da tradição na criatividade, supostamente relevantes nesse contexto, tem sido recorrentemente secundarizado pelos gestores públicos, cuja estratégia principal é a atração de capital para as cidades a qualquer custo. Também aqui, críticas contundentes têm sido feitas às ideias em torno do conceito de cidade criativa e dessa nova classe de pessoas valorizadas como os protagonistas de seu desenvolvimento:

Esse argumento deixa de levar em consideração as complexas inter-relações sincrônicas e diacrônicas que devem estar presentes antes que um ambiente



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

criativo dinâmico possa emergir. Acima de tudo, nas cidades modernas, virtualmente todas as dimensões da vida urbana evoluem recursivamente em associação umas com as outras. (...) As grandes cidades hoje podem abrigar capacidades criativas sem precedentes, mas elas também são lugares onde prevalecem as desigualdades sociais, culturais e econômicas, e não pode haver uma conquista da cidade criativa, onde esses problemas persistam. Não é simplesmente uma questão de distribuição de renda, embora condições econômicas mais justas para todos certamente devam figurar proeminentemente em qualquer agenda de reformas. Envolve também questões básicas de cidadania e democracia, e a plena incorporação de todos os estratos sociais à vida ativa da cidade, não apenas por si mesma, mas também como um meio de fazer emergir livremente os poderes criativos dos cidadãos em geral (SCOTT, 2006, p.15).

De modo que o conceito não pode ser norteador de uma política complexa e multifatorial. Devendo, se muito, ser observado na conjuntura das relações do trabalho no interior do que se convencionou chamar sociedade do conhecimento.

Patrimônio, memória e monumento na cidade contemporânea

A operação de requalificação urbana empreendida pelo Projeto Porto Maravilha ilustra com uma variedade muito farta de elementos, o presentismo questionado pelo historiador francês François Hartog (pode-se viver em uma cidade presentista?); ao estabelecer uma relação mais próxima da monumentalidade contemporânea que da relação com a tradição. Com efeito, “os bens culturais não têm significados imanentes, pois seu sentido depende sempre de um enquadramento temporal e espacial” (PIO, 2017, p.50), porém a transformação operada nesse conjunto de intervenções marca a adesão a um movimento em curso de esvaziamento dos patrimônios pela mercantilização do espaço das cidades.



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

É nesse sentido que o PPM promove uma grande contradição com o espaço em que se propõe revitalizar, ao ter como eixos estratégicos de sua intervenção cultural, a valorização da memória e do patrimônio históricos e culturais, ao mesmo tempo em que converte esse esforço em um dos mais intensos processos de transmutação da noção de monumento ao qual a cidade do Rio de Janeiro viria experimentar. Resgatamos alguns conceitos importantes nessa nossa assertiva:

Chama-se monumento a qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações de pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. (...) Tanto para os que o edificam, como para aqueles que dele recebem as advertências, o monumento é uma defesa contra o trauma da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, sossega, tranquiliza, ao conjurar o ser do tempo. É garantia das origens e acalma a inquietude que gera a incerteza dos princípios. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, o monumento procura apaziguar a angústia da morte e da aniquilação. A sua relação com o tempo vivido e com a memória, noutras palavras, a sua função antropológica, constitui a essência do monumento. O resto é contingente, logo, diverso e variável (CHOAY, 2018, p.17-18).

A diferenciação que a autora marca é precisamente a de que “o monumento é uma criação deliberada (gewolte), cujo destino foi assumido a priori e à primeira tentativa, ao passo que o monumento histórico não é desejado inicialmente (ungewolte) e criado enquanto tal” (Idem, p.25), motivo pelo qual ele se configura, a partir do efeito do tempo, como um patrimônio histórico, que mesmo enquanto tal, obviamente, como muitos dos demais bens de cultura, podem vir a sofrer os efeitos de uma instrumentalização e transformar-se em mais uma mercadoria a ser



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

consumida, evitando simplismos, não entraremos exatamente nesse mérito aqui. Para Choay:

Os monumentos e os patrimônios históricos adquirem um duplo estatuto. São obras que facultam saber e prazer, colocadas à disposição de todos, mas também produtos culturais fabricados, embalados e difundidos, tendo em vista o seu consumo. A metamorfose do seu valor de utilização em valor econômico é realizada graças à “engenharia cultural”, vasta empresa pública e privada, ao serviço da qual trabalha uma multidão de animadores, comunicadores, agentes de desenvolvimento, engenheiros, mediadores culturais. A sua tarefa consiste em explorar os monumentos por todos os meios possíveis, a fim de multiplicar indefinidamente o número de visitantes (CHOAY, 2018, p.226).

Já a proposição de Hartog é a de que “a economia midiática do presente não cessa de produzir e de utilizar o acontecimento, (...) com uma peculiaridade: o presente, no momento mesmo em que se faz, deseja olhar-se como já histórico, como já passado” (HARTOG, 2013, p.149-150), um reflexo que pode ser observado, inclusive no plano das cidades:

Aquele que quiser fazer uma experiência presentista, basta abrir os olhos, percorrendo estas grandes cidades no mundo, para as quais o arquiteto holandês Rem Koolhaas propõe o conceito de “cidade genérica”, associado ao de junkspace. Nelas, o presentismo é rei, corroendo o espaço e reduzindo o tempo, ou o expulsando. Liberada da servidão ao centro, a cidade genérica não tem história, mesmo que busque com afinco se dotar de um bairro-álibi, onde a história é resgatada como uma apresentação, com trezinhos ou caleches. E se, apesar de tudo, ainda existir um centro, ele deve ser, “na qualidade de lugar mais importante” simultaneamente “o mais novo e o mais antigo”, “o



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

mais fixo e o mais dinâmico". Produto "do encontro da escada rolante e da refrigeração, concebido em uma incubadora de placas de gesso", o junkspace ignora o envelhecimento: só conhece a autodestruição e a renovação local (Idem, p.15).

É esse o contexto em que o Porto Maravilha Cultural se desenvolve, na medida em que o suposto objetivo de valorização do patrimônio histórico daquele espaço, dá lugar a um expressivo investimento de recursos na construção e restauro de dois megamuseus que passam a simbolizar o triunfo do momento histórico vivenciado pela cidade. Conforme destacou o cientista social Leopoldo Pio, o projeto, finalmente, consegue resgatar uma antiga proposta de gestões públicas anteriores de cancelar a cidade com uma etiqueta de grife que a posicionasse em um outro patamar. É nesse momento em que o patrimônio deixa de ser monumento histórico cultural e passa a contribuir com a monumentalização presentista, objeto de nossa crítica:

A associação do empreendimento ao nome de Santiago Calatrava permitiu a elaboração de um projeto de alta visibilidade e a concretização de um antigo sonho de construir um novo ícone arquitetônico na cidade, seguindo a tendência contemporânea de projetos monumentais com estilos intencionalmente diversos das características encontradas na área de intervenção (PIO, 2017, p.44).

O Porto do Rio de Janeiro, local onde as marcantes intervenções foram realizadas, não foi protagonista somente da chegada da Família Real Portuguesa ou ponto de partida para a colonização e origem do Império no Brasil. A região recebeu da África uma das maiores heranças culturais e étnicas que o brasileiro tem, vindas com os negros escravos que ali davam seus primeiros passos no então novo reinado. Entretanto, a despeito da riqueza histórica e cultural inerente aquele lugar, os negros (e especialmente as suas tradições originárias de herança africana) têm sido sistematicamente



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

removidos do local ao longo dos anos; primeiro para que o Porto desse lugar à realeza e à aristocracia crescente nos séculos XIX e XX e na atualidade para que seja a porta de entrada de turistas na cidade. Importante destacar que museus do amanhã são grandes templos do padrão cultural atual, mas não existe nenhuma razão para operar o apagamento dessa herança e da história passada. O patrimônio cultural é, portanto, um ponto crítico dessas intervenções e não deveria estar subordinado à lógica de preparar a cidade para os megaeventos:

Os discursos sobre a cidade se utilizam dos megaeventos para demarcar uma nova era para a cidade e, ao mesmo tempo, recuperar sua força cultural e capitalidade, obscurecendo o fato de que a escolha de cidades para sediar eventos esportivos não é consequência de competências políticas municipais ou características singulares, mas resultado de decisões de organizações internacionais segundo interesses econômicos muito específicos. Assim, a “conquista” dos megaeventos é geralmente abordada como o resultado de um processo de recuperação e superação da crise ou do esvaziamento político da cidade, quando, na verdade, reflete a adaptação, em termos políticos e econômicos, a certos discursos e tendências culturais globais (PIO, 2017, p.49).

Desde o seu lançamento, a cidade hospedou um calendário de megaeventos que a tem mantido numa sazonalidade de alta, há mais de uma década, como: Jogos Panamericanos (2007), Projeto Porto Maravilha (2009), Jornada Mundial da Juventude (2013), A abertura do Museu de Arte do Rio (2013), Copa do Mundo FIFA (2014), a abertura do Museu do Amanhã (2015), Jogos Olímpicos (2016), reconhecimento como primeira Paisagem Cultural Urbana do mundo, pela ONU (2016). Todos esses investimentos permitiram o reconhecimento do sector e cultural como ativo central no desenvolvimento da cidade como destino turístico. Esses investimentos introduziram uma nova dinâmica naquela parte da cidade, alçando-a ao mencionado movimento global de investidores; importa-nos questionar o tipo de transformação que essa operação está promovendo junto aos



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

patrimônios daquele território e em que medida os supostos objetivos podem vir a ser alcançados a partir desse enorme negligenciamento da história e das culturas tradicionais locais.

Instrumentalização da cultura nos processos de reestruturação urbana

Aqui gostaríamos de retomar um ponto importante: o que é a cultura e afinal para que ela serve? Isto porque em nossa visão, a ação cultural funciona como uma das possibilidades de que, a partir do exercício criativo, os indivíduos participem da construção de novos discursos, recombinem os repertórios de seu cotidiano com criatividade e reinventem suas realidades em cima do que lhes é imposto cotidianamente. Os bens culturais entendidos no conjunto do patrimônio histórico e cultural de uma sociedade constituem o propósito central de uma ação cultural genuína. Ao criticarmos o efeito alienante da mercantilização da arte e da cultura no circuito da estratégia cultural, reforçamos a noção de que:

O objetivo da ação cultural não é construir um tipo determinado de sociedade, mas provocar as consciências para que se apossessem de si mesmas e criem as condições para a totalização, no sentido dialético do termo, de um novo tipo de vida derivado do enfrentamento aberto das tensões e conflitos surgidos na prática social concreta (COELHO, 2001, p.42).

Quando por alguma razão os indivíduos perdem a capacidade de participação na vida cultural; de alguma forma a cultura do grupo se vê menos plural e na mesma proporção o indivíduo se enfraquece. De modo que, subordinar a cultura a lógicas exógenas ao campo é criar um arremedo de ação cultural cujo efeito é estranho ao papel das práticas culturais. Quando uma ação cultural qualquer, se compromete a entregar resultados externos ao campo cultural já não enxergamos a cultura e a arte numa perspectiva humanista. O campo cultural tem espaço para muitas funções, mas não acreditamos que deveria perder de vista que o produto de sua



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

atuação não pode ser reduzido a uma mercadoria. Desse modo, o principal norteador de uma atuação realmente criativa e engajada com o que nos parece ser essencial no campo das artes e da cultura, se apresenta, na verdade, como anti-valores a algumas práticas que acabam por escamotear o que deveria ser central numa estratégia cultural, realmente sintonizada com os desafios da contemporaneidade e engajada com o compromisso de ter os indivíduos no centro do processo:

Uma política cultural subordinada à estrita lógica do mercado e das audiências é uma política cultural sem princípios nem valores, que se demite do seu papel estruturante do discurso e da prática políticos e do seu papel ativo na construção da imagem que uma sociedade dá de si própria e ao exterior (MELO, 2002, p.149).

Como mencionado, vivemos o tempo de um retorno ao aqui e agora como territórios do pertencimento, símbolos únicos da coesão pós-moderna, territórios reais ou simbólicos, o pacto tribal pós-moderno estaria fundado, organicamente, na experiência do imediato, do efêmero. Como se esse fosse o único laço possível na contemporaneidade: a partilha sensorial do momento presente das relações, do conhecimento, das interações e dos pontos de vista. A enxurrada de opiniões publicadas para abafar a possibilidade de consolidação de um esfera pública sustentada por opinião pública criticamente constituída; a violência com que as diversidades rasgaram o modelo apoiado num certo consenso como condição para o progresso ou mesmo romperam com o contrato social cínico do século anterior, são as verdades que mais participam do sentido deste momento, os símbolos do tempo presente (MAFFESOLI, 2010).

De modo que nos parece absolutamente pertinente um reenfocamento das políticas culturais na contemporaneidade combinadas a essas estratégias que supostamente atuam de forma coordenada com a premissa do campo cultural de "fazer a ponte entre as pessoas e a obra de



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

cultura ou arte para que, dessa obra, possam as pessoas retirar aquilo que lhes permitirá participar do universo cultural como um todo e aproximarem-se umas das outras por meio da invenção de objetivos comuns” (COELHO, 2004, p.33).

O que se pode perceber no contexto do Porto Maravilha Cultural é que a promoção do patrimônio histórico e cultural daquele território, bem como as estratégias de desenvolvimento social foram instrumentalizadas como um meio de atrair investimentos, no contexto da competição global. Isto é, todo o projeto, inclusive e principalmente as estratégias de intervenção cultural estiveram subordinados à lógica do empreendedorismo urbano, que visa a maximização da extração de lucros no espaço público das cidades. O termo, empregado pelo geógrafo inglês David Harvey tem como sentido:

(...) o padrão de conduta na governança urbana que combina poderes estatais (local, metropolitano, regional, nacional ou supranacional), diversas formas organizacionais da sociedade civil (câmaras de comércio, sindicatos, igrejas, instituições educacionais e de pesquisa, grupos comunitários, ONGs etc.) e interesses privados (empresariais e individuais), formando coalizões para fomentar ou administrar o desenvolvimento urbano/regional de um tipo ou outro (HARVEY, 2005, p.230).

Em que pese, que esse mesmo autor pontue que a “padronização geograficamente articulada das atividades e das relações capitalistas globais” não deveria ser entendida como uma força causal da globalização sobre o desenvolvimento local (HARVEY, 2005, p.230), já que se trata de fenômeno mais complexo no quadro das relações entre o local e o global, na atualidade. Para o autor:

Trata-se de uma questão de determinar que segmentos da população devem se beneficiar mais do capital simbólico, para o qual todos, em seus próprios e distintivos modos, contribuíram. Por que deixar a renda monopolista vinculada ao capital simbólico



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

ser auferida apenas pelas multinacionais ou por uma pequena e poderosa parcela da burguesia local? (...) A indústria do conhecimento e do patrimônio, a produção cultural, a arquitetura de grife e o cultivo de juízos estéticos distintivos se tornaram poderosos elementos constitutivos da política do empreendedorismo urbano, em muitos lugares (ainda que de modo mais particular na Europa). Em um mundo altamente competitivo, a luta para acumular marcos de distinção e capital simbólico coletivo continua. No entanto, isso suscita todas as questões relativas às opções de memória coletiva, estética e beneficiários (Idem, p.235).

Considerando a enorme quantidade de investimento, acredito ser o momento atual uma excelente oportunidade para monitorar e sobretudo questionar a primeira década do Projeto Porto Maravilha e especialmente as estratégias inseridas no Porto Maravilha Cultural, considerando sua real capacidade de contribuir para estimular a criatividade na cidade, especialmente promovendo a diversidade, o respeito à memória e à história, as oportunidades de estímulo à educação, ao conhecimento e à tecnologia, mais do que significando simplesmente uma boa oportunidade para investidores, em sua maioria estrangeiros, ou turistas.

De modo que é fundamental poder medir o impacto não só para o setor turístico da cidade em geral e daquela região em particular – que do ponto de vista da visita de pessoas a um espaço histórico da cidade, representou um enorme ganho, sob qualquer aspecto, sem dúvida, já que desde que a região abriu essa nova área o espaço tem sido constante palco de encontro na cidade; mas é preciso não negligenciar o fato de que cidadão não deve ser limitado ao papel de público, deve lhe ser facultada a possibilidade de sermos atores e indo além, protagonistas. O impacto de um projeto de tal magnitude deve alcançar os moradores, sua vida cotidiana e os vínculos tradicionais e históricos daquele espaço, sob pena de significar um embuste. O que é regularmente o efeito central desse tipo de estratégia, a especulação imobiliária empurra os moradores locais para as margens.



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

Considerações finais: o desafio das políticas culturais, resistências na cidade

As cidades são hoje fatores críticos de desenvolvimento do que será o modo de vida no futuro, locus privilegiado das reconfigurações em marcha e laboratório de novos modelos, que podem contribuir para que os enormes desafios sociais enfrentados em nível global sejam superados. Apenas a partir da constituição de um corpus crítico aprofundado, de modelos que observem as diversidades culturais, será possível avançar na direção de um paradigma capaz de reduzir as desigualdades e injustiças no plano do direito à cidade e à cultura.

A cultura, na acepção adotada aqui, faz parte do conjunto de elementos fundamentais para a constituição dos indivíduos. É o elemento de coesão entre estes e a possibilidade de constituírem-se numa sociedade. Nesta leitura, “a cultura refere-se aos elementos simbólicos da vida social, ou seja, um conjunto de representações, valores morais e ideais que institui e organiza a sociedade” (PASSANI, ARRUDA, 2017, p.135). Como tal, traduz-se na possibilidade de construção subjetiva de repertórios que permitem as pessoas participarem da vida social.

Em relação ao território descrito neste texto, não nos parece que aspectos tais como autenticidade e singularidade tenham sido considerados no conjunto das ações de intervenção urbana ali realizadas – essa assertiva ficou mais evidente quando comparamos o montante de recursos destinado às ações culturais no conjunto do orçamento de toda operação, e mesmo no conjunto dessas, aqueles investidos na preservação da memória e da diversidade das culturas locais e os aplicados na estratégia de monumentalização do espaço como forma de promover a cidade, embora essa tenha sido a principal vitrine da vertente cultural do PPM: a recuperação e a preservação dos conjuntos históricos locais.

E no entanto, não nos parece que essa deva ser a uma leitura fatalista do modo como a governança das cidades tem tratado desses enormes desafios que opõem as pessoas e o capital, as cidades e o patrimônio



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

cultural. O campo cultural vive um momento bastante profícuo em todo o mundo e mesmo ali podem ser observadas resistências marcantes aos processos de apagamento em curso.

Referências

- COELHO, T. *O que é ação Cultural?* São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural: Cultura e imaginário*. 3a Ed. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2004.
- CHOAY, Françoise. *Alegoria do Patrimônio*. 2a Ed. Lisboa: Edições 70, 2018.
- FIRJAN. *Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil*. Dezembro, 2016. Disponível em: <http://www.firjan.com.br/economiacriativa/download/mapeamento-industria-criativa-sistema-firjan-2016.pdf>. Acessado em: 13/08/2018.
- GUERRA, Paula (2018) - Ceremonies of Pleasure: An Approach to Immersive Experiences at Summer Festivals. In Emília Simão & Celia Soares (eds.) - *Trends, Experiences, and Perspectives in Immersive Multimedia and Augmented Reality*. Hershey: IGI Global. DOI: 10.4018/978-1-5225-5696-1.ch006. pp. 122-146.
- HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LANDRY, Charles. *Cidade Criativa: a história de um conceito* (prefácio). In: REIS, Ana Carla Fonseca, KAGEYAMA, Peter. (orgs.) *Cidades Criativas: perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MAFFESOLI, M. *Saturação*. São Paulo : Iluminuras, Itaú Cultural, 2010.
- MARQUES, Carla Nogueira. *Quais os rumos do projeto porto*



Criativa e maravilhosa para quem?
Como as cidades estão transformando
a cultura no ativo mais valioso da empresa urbana global
Simone Amorim

maravilha? REASU - Revista Eletrônica de Administração da Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, v.2, n.01, 2017, p.81-102, 2017. ISSN: 2594-4479.

MELO, Alexandre. *O que é Globalização Cultural?* Lisboa: Quimera, 2002.

PASSANI, Ênio, ARRUDA, Maria Arminda do N. *Cultura*. In: CATANI, Afrânio Mendes. et al. (orgs). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PEREIRA, João Vitor Bastos. *Planejamento urbano, turismo e desenvolvimento local: o caso do Porto Maravilha na cidade do Rio de Janeiro*. 2017. 66p. Monografia (Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais.

PIO, Leopoldo Guilherme. *Usos e sentidos do patrimônio cultural no projeto porto maravilha*. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SASSEN, Saskia. *The global city: introducing a concept*. Brown Journal of World Affairs, 2005, 11 (2). p. 27-43. ISSN 1080-0786.

SCOTT, Allen J. *Creative cities: conceptual issues and policy questions*. Journal of Urban Affairs, 2006, Volume 28, Number 1, pages 1–17. ISSN: 0735-2166.

Recebido em: 02/04/2018

Aprovado em: 22/06/2018

